

AS EXTENSÕES PASSIVAS E ESTATIVAS NO QUIMBUNDO: UM ESTUDO COMPARATIVO COM OUTRAS LÍNGUAS DO GRUPO BANTO

Alex Andrade de Paula e Silva

Mestrando do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Resumo:

Se retomarmos a história da Linguística Africana, notaremos que o quimbundo, língua banta falada em Angola, tem contribuído escassamente para os estudos dos mais diversos aspectos gramaticais das línguas desse extenso grupo linguístico. Esse fato pode ser comprovado nos levantamentos bibliográficos de Maho (2008, 2009, 2011), nos quais notamos poucas análises do quimbundo nas mais distintas áreas da linguística. No que se refere ao estudo do seu sistema verbal, podemos afirmar também que se trata de uma língua pouco estudada (Nurse, 2008). A nossa pesquisa contribui particularmente para o estudo da voz verbal em quimbundo, por meio da análise de suas construções passivas e estativas, e se insere em um contexto mais amplo de pesquisa que têm acumulado esforços para descrever e analisar o maior número possível de línguas africanas. O nosso trabalho teve como fundamento a descrição linguística compreendida como “teoria descritiva” (Hyman, 2003; Dryer, 2006).

Palavras-chave: linguística africana, quimbundo, voz verbal

Apoio financeiro: CNPq

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: USP

Introdução:

O quimbundo é uma língua banta falada em Angola, principalmente nas províncias de Bengo, Malange, Quanza Norte, Quanza Sul e Luanda, e é classificada como H20 na tipologia de Guthrie. Segundo dados do Recenseamento Geral da População e da Habitação (RGPH) de Angola, realizado em 2014, o quimbundo é a terceira língua nacional mais falada em território angolano (7,82%) com pouco menos de 1.900.000 falantes. É superada pelo umbundo (22,96%) e pelo quicongo (8,24%).

No que diz respeito a relação do quimbundo com o Brasil, há fortes evidências em favor da hipótese de que essa língua tenha sido empregada com alguma regularidade no século XVII. A sua primeira gramática foi escrita no Brasil e editada em Portugal em 1697 pelo jesuíta português Pedro Dias, sem que o autor jamais tivesse viajado para a África. Dias teria aprendido quimbundo com colegas missionários e escravos com os quais conviveu no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (Rosa, 2013).

Sabemos que diversos aspectos gramaticais das línguas africanas têm contribuído decisivamente à compreensão das línguas naturais e ampliado a compreensão de fenômenos linguísticos não encontrados em línguas mais conhecidas (Ladefoged, 1964; Stewart, 1967; Golsdmith, 1976; Clements & Goldsmith, 1984; Hyman & Hikkeberth, 1998; Baker, 1985, 1988; Hyman, 2001; Bresnan, 2001; entre outros). Entre as línguas africanas, as descrições e análises das línguas bantas ocupam lugar de destaque.

Apesar da contribuição significativa dos estudos bantuístas às teorias linguísticas, os levantamentos bibliográficos de Maho (2008, 2009, 2011) revelam a pouca participação do quimbundo no desenvolvimento das pesquisas. No que se refere ao estudo do seu sistema verbal, podemos afirmar que se trata de uma língua pouco estudada (Nurse, 2008).

Por isso, objetivamos a descrição de construções passivas e estativas do quimbundo falado no Libolo, em Angola, a partir de um *corpus* de entrevistas semi-espontâneas e sentenças elicitadas de falantes que têm essa língua como L1 ou L2. Os dados foram coletados no âmbito do projeto interdisciplinar “Aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários do Município do Libolo - Kwanza Sul/Angola. Nesta apresentação, demonstraremos duas formas de passivização encontradas nos dados analisados.

Metodologia:

Os dados foram coletados em Angola em junho de 2016. Foram entrevistados 15 informantes, de diversas idades e regiões de origem do território angolano. Os informantes mais novos têm o quimbundo como L2 e adquiriram a língua depois de terem aprendido o português angolano. Notamos que apenas dois informantes têm o quimbundo como L1. Ao todo, foram geradas doze horas de gravação, disponibilizadas em vinte e sete arquivos digitais no formato WMA e MP3, que posteriormente foram transformados em WAV.

Para a transcrição dos dados do quimbundo, utilizamos a metodologia criada para a construção de um *corpus* de dados de línguas de sinais brasileiras desenvolvida pelo LLIC - Laboratório “Linguagem, Interação, Cognição”, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. As transcrições e as anotações dos dados estão sendo informatizadas com a utilização do software ELAN - Linguistic Annotator - Version 4.8.0, desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics.

Nosso método de análise dos dados do quimbundo partiu de comparações com outras línguas do grupo

banto que possuem um conjunto maior de estudos morfossintáticos, entram elas o suaíle, o quicongo, o lunda, o bamba, o mbuun e o matengo. Do ponto de vista linguístico, o estudo comparativo pareceu-nos adequado pela proximidade tipológica das línguas bantas, notadas mais como um *continuum* dialetal do que como línguas discretas.

Resultados e Discussão:

Em nossas análises, identificamos duas formas de passivização no quimbundo do Libolo. A primeira, notada em (a), utiliza o prefixo de concordância de sujeito de classe humana plural, o que confere à marca uma interpretação impessoal de 3ª pessoa do plural com verbo na forma ativa. Essa construção é caracterizada como do TIPO E - *The Left-dislocation-cum-impersonal-subject passive* (Givón, 2006). A segunda é formada pelo prefixo {-o-} afixado ao radical do verbo, pela mudança da vogal final desse verbo para {-e} e pela concordância no verbo com a classe do constituinte sujeito. Essa construção, percebida em (b), é categorizada como participio passado passivo (Chatelain, 1888-89).

a)	O kuanda	akuprepara	kwa	cozinheira
	cl.8 O kuanda	a-a-ku=Vprepar-a	kua	cl. 9 cozinheira
	cl.8 O kuanda	3pl-pret-IO cl. 8=Vprepar-VF	PREP	cl. 9 cozinheira
	A comida	foi preparada	pela	cl. 9 cozinheira

Dado 1 - Passiva impessoal, 3pl, forma ativa

b)	O comida	yoteleke	kwa	Maria
	cl. 9 o comida	i-o=Vtelek-e	kua	cl. 1 Maria
	cl. 9 o comida	IS cl.9-PART PASS=Vcozinhar-VF	PREP	cl. 1 Maria
	A comida	foi preparada	pela	Maria

Dado 2 – Passiva com participio passado

Conclusões:

Ao final da nossa pesquisa, reconhecemos que o quimbundo possui duas estratégias de passivização. A primeira foi caracterizada como do TIPO E - *The Left-dislocation-cum-impersonal-subject passive* (Givón, 2006). Nessa construção, utiliza-se o prefixo de concordância de sujeito de classe humana plural, o que confere à marca uma interpretação impessoal de 3ª pessoa do plural com verbo na forma ativa. A segunda estratégia de passivização, conceitualizada por Chatelain (1888-89) como “participio passado passivo”, é formada por três processos: (i) pelo prefixo {-o-} afixado ao radical do verbo, (ii) pela mudança da vogal final desse verbo para {-e} e (iii) pela concordância no verbo com a classe do constituinte sujeito.

Referências bibliográficas:

Chatelain, H. Kimbundu Grammar: Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola. Nabu Press, 2010.

Dryer, M. Descriptive theories, explanatory theories, and basic linguistic theory. In: Ameka, F., Dench, A., Evans, N. (eds) *Catching language: the challenge of grammar writing*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

Givón, T. *Grammatical relations in passive clauses. A diachronic perspective*. In: Abraham, W. Leisiö, L (org.). *Passivization and Typology. Form and function*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, p. 337-348, 2006.

Hyman, L. M. Why describe African languages? In: *Proceedings of the 4th World Congress of African Linguistics*. (eds.) Akinlabi, A., Adessola, O. New Brunswick, 2003. Colônia: Ruediger Köppe Verlag, 2005, pg. 21-42.

Maho, J. F. The Bantu bibliography. African linguistic bibliographies, n. 8. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 2008.

_____. BOB - Bantu Online Bibliography. 2009. Disponível: <http://goto.glocalnet.net/jfmaho/bob.pdf>. Acesso: 01/10/2017.

_____. The Bantu Bibliography Supplement. 2011. Disponível:

<http://goto.glocalnet.net/mahopapers/bntbibliosupp.pdf>. Acesso: 01/10/2017

Nurse, D. *Tense and Aspect in Bantu*. New York: Oxford University Express, 2008.

Rosa, M. C. Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

Schadeberg, T. C. Derivation. In: Derek Nurse and Gérard Philippson (editors), *The Bantu Languages*. London: Routledge, 2003.

Siewierska, A. Passive Constructions. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em <http://wals.info/chapter/107>. Acesso: 27/06/2017.

van der Wal, J. Bantu Syntax. Oxford Handbooks Online, 2015. Disponível em <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-50?rskey=gPfmFC&result=1>. Acesso: 27/06/2017.